

ENTREVISTA CONCEDIDA POR KANT A NIKOLAI KARAMAZIN (*)

[...]

Königsberg, 19 de junho de 1789

Ontem, depois do jantar, eu visitei o ilustre Kant, o metafísico sábio e profundo que disputa tanto com Malebranche e Leibniz, quanto com Hume e Bonnet – Kant, quem o Sócrates judeu, o falecido Mendelssohn, chamava “der alles zermalmende Kant,” isto é, “Kant, o grande demolidor”. Eu não tinha nenhuma carta de recomendação para apresentar. Mas com ousadia é possível tomar uma cidade e, assim, a porta do seu gabinete se abriu para mim. Um homem idoso, baixo, magro, particularmente pálido e delicado, me recebeu.

Minhas primeiras palavras foram: “Eu sou um aristocrata russo. Admiro grandes homens e desejo apresentar os meus cumprimentos a Kant.”

Ele imediatamente me convidou para sentar, dizendo: “Escrevi de um modo que não é passível de agradar a todos. Poucos gostam das sutilezas da metafísica.”

Por cerca de meia hora conversamos sobre coisas diversas: viagens, China, a descoberta de novas terras. Eu não podia senão maravilhar-me com o seu conhecimento de história e geografia, que seria suficiente para abarrotar o armazém de uma mente mediana. Mas isto era, para ele, apenas uma “coisa incidental”, como os alemães costumam dizer. Eu gradualmente guiei a conversa em direção à natureza humana e à moral, e o que segue abaixo é o que estive apto a me recordar das suas observações.

“A atividade é a sina do homem. Ele nunca está completamente satisfeito com o que tem, está sempre lutando para obter mais. A morte nos surpreende a caminho de algo que ainda desejamos. Dê a um homem tudo o que ele deseja e ainda assim naquele momento exato ele sentirá que este *tudo* não é *tudo*. Por falharmos em ver o objetivo ou propósito da nossa luta nesta vida, nós assumimos que há uma vida futura na qual o nó deve ser desfeito. Este pensamento é o mais atraente ao homem, dado que aqui não há equilíbrio entre alegria e tristeza, entre prazer e dor. Conforta-me o fato de que já tenha sessenta anos e que em breve atingirei o fim da minha vida, pois espero começar outra, uma melhor.”

“Quando penso nas alegrias que experimentei, não sinto prazer, exceto quando lembro das ocasiões em que agi em conformidade com a lei moral inscrita no meu coração, aí eu me alegro. Falo da lei moral. Podemos chamá-la de consciência, senso de

bem e mal—mas ela existe. Eu menti. Ninguém sabe da minha mentira, e ainda assim me sinto envergonhado. Quando nós falamos da vida futura, probabilidade não é certeza; mas quando ponderamos sobre tudo, a razão nos ordena a acreditar nela. E suponha que pudéssemos vê-la com nossos próprios olhos, tal qual ela é? Se fôssemos muito absorvidos por isso, já não nos interessaríamos na vida presente, e permaneceríamos num contínuo estado de abatimento. E, no caso oposto, não poderíamos, em meio as provações e tribulações da vida presente, consolar-nos ao dizer: “talvez lá seja melhor!” Mas quando falamos de destino, de uma vida futura e de tudo o mais, presumimos a existência de uma Eterna Razão Criadora que criou tudo com algum propósito e que criou tudo bom. O quê? Como? Mas aqui mesmo o mais sábio dos homens admite a sua ignorância. Aqui a razão extingue a sua luz e somos deixados no escuro. Apenas a imaginação pode perambular nesta escuridão e criar ficções.”

Homem estimável! Perdoe-me se, nestas linhas, distorci seus pensamentos!

Kant estava familiarizado com Lavater e se correspondeu com ele.

“Lavater é extremamente gentil com a bondade do seu coração,” ele disse, “mas por possuir uma imaginação excessivamente vívida, é comumente cegado por seus sonhos. Ele acredita em magnetismo e coisas assim.”

Tocamos no assunto dos inimigos de Kant.

“Você irá conhecê-los,” ele disse, “e verá que eles são todos boas pessoas.”

Ele escreveu para mim os títulos de dois dos seus trabalhos eu ainda não li: *Kritik der praktischen Vernunft* e *Metaphysik der Sitten*. Guardarei essas notas como uma lembrança preciosa.

Quando escrevi meu nome no seu caderno, ele expressou o desejo de que todas as minhas dúvidas sejam resolvidas. Então segui o meu caminho.

Aqui, meus amigos, vocês têm um breve relato do que foi para mim a mais interessante das conversas, a qual durou cerca de três horas. Kant fala rápido, de maneira muito macia, indistintamente, de modo que tive de ouvi-lo com atenção reforçada. Sua casa é pequena e tem poucos móveis. Tudo é simples—exceto a sua metafísica.

(*) Nikolai Karamazin (1766/1826), nobre russo, era membro da Academia de Ciências de São Petersburgo, sendo autor de uma das primeiras histórias da Rússia então publicadas.

Tradução de Mariana Lins Costa, pós-doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Filosofia (PNPD/CAPES) da Universidade Federal de Sergipe.